

ARTIGO

## **LIVESTREAMING AS JORNADAS DE JUNHO: sobre o gesto de filmar ou a memória digital**

*Juracy OLIVEIRA<sup>10</sup>  
Sergiano SILVA<sup>11</sup>*

**RESUMO:** As Jornadas de Junho que eclodiram no Brasil em 2013 tornaram evidentes a fusão da rede com a rua, canalizada por um midiativismo cujas frentes são exatamente as novas tecnologias. No sentido de construírem narrativas que se contrapusessem às da mídia corporativa, o uso do *livestreaming* foi essencial pela possibilidade de transmitir a própria experiência da insurgência, dentro do gesto fílmico de fazer e contar a história em tempo real, ou melhor, pós-história, pois se a primeira – com sua lógica de arquivo – transforma documentos em monumentos, esta última desenrola-se diante das telas, em fluxo contínuo – com uma memória digital que existe apenas no momento da transmissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornadas de Junho. *Livestreaming*. Memória digital.

**ABSTRACT:** *The Jornadas de Junho which erupted in Brazil, 2013, made evident the fusion between networks and streets, it was canalized for a mediativism that has the new technologies as main front. Aiming at constructing narratives which contrasted with those of mass media, the use of livestreaming was essential because it represented the possibility of broadcasting the experience of rioting itself, within the filmic gesture of both making and telling real-time history, or else, post-history, since the former – with its archival logic – transforms documents into monuments, the latter is developed in front of the continuous flux of screens – with a digital memory which only exists during the moment of transmission.*

**KEYWORDS:** Jornadas de Junho. *Livestreaming*. Digital memory.

### 1. Introdução

*Que ‘as coisas continuem assim’ – eis a catástrofe.  
Walter Benjamin – Passagens*

Ainda que as ruínas continuassem a se acumular sob os nossos pés e o anjo benjaminiano observasse a barbárie de nossa época, finada decretamos a História, como se

---

<sup>10</sup> Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: juracy\_oliveira@hotmail.com.

<sup>11</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutorando pela mesma instituição. E-mail: sergiano\_silva@hotmail.com.

não mais nos pertencesse. Empurrados irremediavelmente para um futuro, nos resta apenas voltar o olhar para o passado e agir sobre o presente. Mas ainda há possibilidade de redenção? As revoltas ocorridas nos últimos anos dão o sinal de que a História continua a dar voz ao Tempo e ainda chama: o próximo!

Da Primavera Árabe à Europa e dos Estados Unidos à América Latina, ao longo dos últimos tempos mobilizações sociais alastraram-se ao redor do globo. E junto com essa era de revoltas presenciamos o “renascer” da história, como propõe Alain Badiou (2012, p. 5), “em oposição a pura e simples repetição do pior”. Ou talvez tenha apenas chegado a hora de voltarmos a “sonhar perigosamente” (ŽIŽEK, 2012, p. 1), com tudo que isso implica.

É nesse contexto que o Brasil viu eclodir em junho de 2013 protestos em centenas de cidades e que contaram com quase dois milhões de participantes<sup>12</sup>. E apesar das especificidades locais, o caso brasileiro insere-se no histórico dessas insurgências mundiais, visto que apresentam características comuns, a saber: o uso da horizontalidade da Internet tanto para fins de organização quanto para o debate político; a extensiva documentação e transmissão em tempo real dos eventos por meio das novas tecnologias; a ocupação sistemática dos espaços públicos; a ausência de lideranças e partidos políticos; a diversidade de pautas trazidas pelos manifestantes etc.

Longe de ser apenas um raio em céu azul, tal catarse política deu vazão ao descontentamento generalizado que havia tomado conta da sociedade – tendo em vista que a gestão neoliberal das cidades aprofundou por décadas o desenvolvimento excludente que levou à precarização dos serviços públicos, à desigualdades sociais profundas e à violência urbana. Assim, a agenda das manifestações foi ampla o suficiente para abranger desde a redução da tarifa do transporte público (ou mesmo a tarifa zero) até a crítica aos excessivos gastos com os megaeventos e à corrupção.

Mas o que nos interessa mais especificamente nas Jornadas de Junho são as suas potencialidades comunicativas, marcadas pela fusão da rede com as ruas. E dentro desse imbricamento o ciberativismo exerce uma função basilar ao ressignificar as plataformas da chamada Web 2.0 para fins políticos e construir narrativas que se contrapõem àquelas da mídia massiva e para tanto, uma das tecnologias mais usadas por essa mídia independente é o

---

<sup>12</sup> Resultados das manifestações de junho. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

*livestreaming*<sup>13</sup>, que permite talvez uma nova experiência de tempo e espaço ao transmitir os acontecimentos em tempo real. Assim, o que se propõe aqui é analisar o próprio gesto de filmar tais acontecimentos no seu teor histórico e estético bem como discutir acerca dessa memória digital implicada no ato da transmissão – que ultrapassa em muito os limites dos arquivos que classicamente documentam a história.

## 2. Somos a rede social

Junto com o advento das tecnologias digitais e da Web nos anos 1990, surgiu o que se convencionou chamar de ciberativismo, ou seja, uma nova espécie de ativismo que “tem nas novas tecnologias de comunicação uma aliada valiosa para o fortalecimento das organizações, tanto local quanto globalmente, para a coordenação de campanhas e protestos, para a difusão de informações, denúncias e petições” (DI FELICE, 2013, p. 54). E assim, esse

novo ativismo integrou na Internet seu olho, suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas, sua pele, seus contactos, sua memória e suas conexões, até construir uma teia comunitária tornando o corpo apto a viver no ciberespaço (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 139).

Dessa forma, mais do que apenas incorporar a Internet aos seus processos comunicativos, o ativismo online transforma-se substancialmente pela própria materialidade dos meios que utiliza. E sendo o meio também a mensagem (MCLUHAN, 1994, p.7), a horizontalidade das novas tecnologias atualiza as ideias de participação e espaço democrático e mesmo as estratégias políticas empregadas – posto que a própria ação social desses movimentos se transforma –; visto que, como afirma Manuel Castells (2012, p.15), “as características dos processos comunicacionais entre indivíduos engajados nos movimentos sociais determinam as próprias características organizacionais do movimento social”, quanto mais interativa e customizável é a comunicação, menos hierárquica e mais participativa é a mobilização. Portanto, as atuais insurgências da era digital são mesmo oriundas de uma nova espécie de movimento social.

Nessa topologia de rede distribuída na qual a informação navega horizontal e dialogicamente, cada nó tem igual importância. Cada cidadão é um ator na rede. E pela própria ruptura dos outrora fixos papéis de emissor e receptor, este último pode agora criar os seus próprios canais de comunicação. Dessa forma, Leonardo Sakamoto (2013, p. 95) observa

---

<sup>13</sup> Ou mesmo “mídia de fluxo” é uma forma de distribuição de conteúdo multimídia via Internet cujo processamento de dados dá-se por pacotes e a reprodução dos mesmos acontece concomitantemente com o seu recebimento, portanto, não gerando um arquivo.

que a Web torna-se um lugar de construção política na qual vozes dissonantes ganham escala justamente por não serem mediadas pelos veículos tradicionais de comunicação. E complementa que

essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição da realidade, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social.

É justamente essa possibilidade de auto-comunicação gerada pela Internet que permite a fusão de mídia com o ativismo: o midiativismo ou midialivrisimo. Uma mídia livre, que fugindo ao *modus operandi* dos veículos massivos, almeja uma comunicação em rede (por meio das interfaces digitais) e tem como objetivo alargar o espaço público midiático ao disputar com a mídia corporativa a construção de narrativas. Em suma,

o midialivrista é o *hacker* das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. Em muitos momentos, esses hackers captam a dimensão *hype* de uma notícia para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa. Essa narrativa *hackeada*, ao ser submetida ao compartilhamento do muitos-muitos, gera um ruído cujo principal valor é de dispor uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e perspectiva sobre o acontecimento passado e sobre os desdobramentos futuros de um fato (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 23).

Essa guerra das narrativas que acontece nas redes sociais, nos *blogs* e noutras interfaces de comunicação distribuída destaca o midiativista como aquele que tanto subverte quanto contrapõe as verdades da grande mídia, o que tem se ampliado diante da transformação na capacidade interativa da rede com a ascensão da Web 2.0 – claro que não devemos desprezar também o seu aspecto comercial, que Castells (2009, p. 421) considera a própria mercantilização da liberdade através do cerceamento da livre comunicação por redes privadas em troca da renúncia à privacidade. Apesar disso, o agenciamento entre indivíduos, tecnologias e territórios tornado possível por essa segunda geração da Web é cooptado pelo ciberativismo em prol da ação social e política.

É essa sinergia, ou associação, entre diversos actantes (LATOUR, 2005) – indivíduos, coletivos, smartphones, redes sociais etc. – que tornou aquele junho de 2013 possível. É dessa interação que vem a surgir toda aquela mobilização e engajamento. E apesar da ausência de lideranças nas manifestações, podemos dizer que de certa maneira os midialivristas, com seus

aparatos técnicos, protagonizaram os protestos nas suas coberturas ao vivo, no calor das barricadas, ao darem voz aos anseios daquela geração que estava nas ruas e ao tornarem a revolta, e a própria história, compartilhada.



Figura 14

### 3. No próprio olho da história

Embora os midiativistas já se espriassem há muito nas redes digitais, foram as Jornadas de Junho que lhe deram uma definitiva visibilidade no contexto nacional; a partir daí que a Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), dentre os inúmeros coletivos e indivíduos que cobriam as manifestações ao vivo, passa a ter destaque por sua atuação não só nas Web, mas também na mídia convencional. Ao transmitirem colaborativamente as manifestações em todo o Brasil via *livestreaming*, Ivana Bentes (2013, p. 15) observa que eles produziram uma experiência catártica de “estar na rua”, obtendo picos de até 25 mil visualizações. Seguindo a própria lógica da Internet de agilidade, imediatismo e liberdade, a autora complementa que

a Mídia Ninja fez emergir e deu visibilidade ao “pós-telespectador” de uma “pós-TV” nas redes, com manifestantes virtuais que participam ativamente dos protestos/emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e se tornando uma referência por potencializar a emergência de “ninjas” e midialivristas em todo o Brasil.

Tal cobertura colaborativa, nesse sentido, tem uma “forma-movimento” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 246) em si mesma; primeiramente porque o gesto de filmar já constitui *a priori* numa resistência – pois são construídas narrativas engajadas que se contrapõem aos outros meios de comunicação corporativos – e segundo, porque “espalham a palavra” da mídia livre tendo em vista a formação de mais midiativistas.

Então, essa nova linguagem de mídia, cuja produção de conteúdo é descentralizada,

<sup>14</sup> A cobertura NINJA nas manifestações de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5yjo9RJ50U>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

conta com uma multidão de conectados que transmitem sua própria experiência de insurgência em fluxo. Ou seja,

não somente os movimentos e as ações têm, na quase totalidade dos casos origens nas redes, em grupos do Facebook ou em redes sociais digitais, mas, ao sair nas ruas continuam inevitavelmente conectados, e passam a decidir suas estratégias e seus movimentos nas manifestações por meio da interação contínua com as redes informativas e por meio da troca de informações instantânea. Tudo é filmado, gravado, fotografado e imediatamente colocado em rede para o mundo. Não somente se deslocam conectados, mas a manifestação acontece de fato, somente se é filmada, fotografada e postada na rede, tornando-se novamente digital, isto é, informação compartilhada e distribuída (DI FELICE, 2013, p. 65).

E não mais separando os espaços físicos dos informacionais, entramos na era da “imedição”, ou seja, multiplicamos nossas mídias na mesma medida em que apagamos todos os traços de sua mediação (BOLTER; GRUSIN, 2000, p. 5). Dessa forma,

a qualidade da ação conectada digitaliza as ruas e as cidades para ganhar uma indefinível localidade e se reproduzir aquém dos espaços urbanos e político. Os conflitos são informativos, as passeatas são hoje games interativos que promovem a interação entre informações, espaços urbanos e ações, jogos de trocas entre corpos e circuitos informativos. Expressões do surgimento de um novo tipo de carne informatizada, que experimenta a sua múltipla dimensão, a informativa digital e a sangrenta material, ferida e machucada. Ambas são reais e nenhuma é separada da outra, mas cada uma ganha a sua veracidade no seu agenciamento em diálogo informatizado com a outra (DI FELICE, 2013, p. 65).

É nesse paradigma de imedição, acrescido ao atual contexto de tecnologias móveis, que cabe falar de uma tecnologia como o *streaming*, visto que essa transmissão em tempo real dos protestos produz uma outra relação com o presente, uma “experiência no fluxo e em fluxo, que inventa tempo e espaço, poética do descontrole e do acontecimento” (BENTES, 2013, p. 15).

Essas novas espacialidades e temporalidades que foram introduzidos na nossa cotidianidade através das tecnologias portáteis e da conexão móvel são o que Castells (2011) denominou como espaço de fluxos e tempo atemporal. Enquanto o primeiro remete à “organização material da interação social simultânea à distância pela comunicação em rede, com o suporte tecnológico das telecomunicações, dos sistemas de comunicação interativos e das tecnologias de transporte rápido” (CASTELLS et al., 2007, p. 171), ou seja, o espaço de fluxos não se relaciona com um lugar específico, mas constrói-se ao redor das redes no fluxo comunicacional; o último, o tempo atemporal, refere-se ao “desequenciamento da ação social pela compressão do tempo ou pela ordenação aleatória dos momentos sequenciais” (Idem, p.

171), ou melhor, a simultaneidade do tempo em aldeia global substitui a unicidade e o sequenciamento de outrora.

E dentro desse espaço de fluxos que é a rede, o tempo agora expandindo e atemporal é vivenciado de outra maneira nos *lives* dos protestos. Tais imagens não apenas fazem e registram a história ao mesmo tempo mas são dotadas de uma circularidade inerente à própria Web, o que faz com que elas gerem interação, *feedback*, conversação entre os nós em *loop* infinito. Trata-se mesmo de uma guerra pela própria atualização das narrativas do presente

### **3.1. Transmitindo a história em baixa resolução**

Os gestos têm por função revelar, em toda sua fenomenologia, a maneira como existimos no mundo. E como tal, ele modifica-se ao sabor das próprias mudanças que o presente nos reserva. Novos tempos demandam, então, novos gestos. E aqui é o gesto de filmar e fazer história ao mesmo tempo via *streaming* que nos interessa.

Na efervescência dos acontecimentos de junho, vários foram os coletivos e os indivíduos que se dispuseram a transmitir os protestos em tempo real por mídia de fluxo, mas, grosso modo, tais coberturas midialivristas eram similares, pois faziam uso: de câmera subjetiva e inserida na multidão; do fluxo contínuo das imagens em plano-sequência e da narração em *off* do repórter-manifestante sobre os acontecimentos – além de comentários relativos à própria transmissão ou aos equipamentos e de conversas com os manifestantes para colher depoimentos.

O gesto fílmico contido nessas transmissões denota a própria essência do narrar: contar a história. Conta-se o presente no espaço-tempo expandido das redes. O devir do mundo é mostrado em emissão quase direta, com ruídos imagéticos e sonoros, e talvez o ato valha mesmo mais do que a sua informatividade. Mas o tal gesto de filmar consiste basicamente nisso; como diz Vilém Flusser (1994, p. 120), ele “conta um acontecer”. E nesse sentido, tais imagens são pura experiência da insurgência em fluxo. E nessas revoltas compartilhadas até a história adquire um outro status, ela é escrita coletivamente, inclusive por aqueles que a visualizam por uma tela de distância.





Figura <sup>15</sup>

Claro que a impossibilidade de edição dá uma tônica ainda mais extática ao gesto de filmar-transmitir ao mesmo tempo. A fenomenologia dessa imagem é tomada na sua instância de acontecimento, num processo corpo a corpo com a multidão que se manifesta, ela é pura enunciação. É instantâneo da história.

Urge narrar à rede tudo o que acontece, em especial o confronto entre manifestantes e policiais; e a própria narrativa é construída em cima dessa expectativa de embate, que quase nunca falha. Triste espera, portanto, pois ninguém na multidão está a salvo das bombas de gás, dos tiros de borracha etc.



Figura <sup>16</sup>

Justamente nesses momentos de tensão é que as imagens mais revelam as limitações técnicas de sua produção pelos aparatos móveis, criando mesmo uma estética do *streaming* pautada, sobretudo, no ruído. Grosso modo, as imagens resultantes dessa transmissão são borradas, *pixelizadas*, instáveis e sem foco. Mas tais resíduos são também informativos na

<sup>15</sup> Live gravado Mídia NINJA. Disponível em: <<http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14855435>>. Acesso em: 01 jan. 2015.

<sup>16</sup> Prisão do Repórter da Mídia Ninja. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aDO6tr6kgAk>>. Acesso em: 02 jan. 2015.



medida em que são a própria expressão da urgência de estar ali. A imagem, então, é também o próprio ato da sua captura e das condições em que foi realizada.

Nesse sentido, tais imagens são inadequadas, por não conseguirem abarcar todo o real pretendido, mas são necessárias e verdadeiras mesmo em baixa definição; elas valem menos pelo seu valor documental do que pelo próprio testemunho, pela experiência ali vivida, visto que “ao relegarmo-las imediatamente para a esfera do documento – o que é mais fácil e mais usual –, separamo-las da sua fenomenologia, da sua especificidade, da sua própria substância” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 52-53).

Por outro lado, podemos também perceber tais imagens em toda sua ambiência, mesclando objetividade e subjetividade, emissor e receptor, pois como indica Bruno Torturra (2014), via *livestreaming* a audiência tem a oportunidade de “ver o mundo através dos olhos do outro”.

Ainda no século passado, Flusser (1994, p. 122), nos seus exercícios de “futurização”, disse que “não se exclui que no futuro a história, existencialmente significativa, se desenrolará diante dos olhos dos espectadores sobre paredes e telas [...] e não no espaço do tempo. Isso seria realmente uma pós-história”. Mas não é exatamente isso que temos visto? A própria possibilidade de filmar a história e exibi-la nas telas digitais no tempo atemporal da tecnologia *streaming*. Uma pós-história, de fato.

#### **4. Anarquios das revoltas**

Pensar o *livestreaming* num viés de feitura da história esbarra na problemática dos arquivos que classicamente a documentam, posto que a lógica arquivica é pautada em cima da reserva do saber coletivo cujas prerrogativas são as de seleção, organização e conservação de seus documentos. E nessa cultura de memória na qual a história, como postula Michel Foucault (1972, p. 14), é aquilo que “transforma os documentos em monumentos”, uma mídia de fluxo trabalha justamente no sentido de dessacraliza-la: primeiro, ao ser construída por muitos; segundo, ao nem mesmo ser arquivo.

Embora tal metáfora seja largamente usada, a Internet não consiste num arquivo; seus bancos de dados multimídia são justamente o que impedem que ela entre nesse paradigma documental, pois cada imagem, áudio e vídeo existe no ciberespaço apenas num dado momento – pela atualização e reescrita constante que sofrem – e congelá-los arquivicamente seria parar a circularidade que lhes é inerente. E numa era na qual temos a opção de

armazenar todos os tipos de informação em nossos periféricos, Wolfgang Ernst (2013, p. 138) desvela um fenômeno paradoxal: o “ciberespaço não tem memória”.

Em substituição ao grandes arquivos e bibliotecas babélicas, esses não-arquivos digitais geram uma memória cibernética, fluida e eletromagnética, capaz de registrar o real de maneira instantânea. E

embora o arquivo tradicional costumasse ser uma memória estática, a noção de arquivo na comunicação via Internet tende a mover o arquivo na direção de uma economia de circulação: permanente transformação e atualização. O chamado ciberespaço não diz respeito primeiramente a memória como um registo cultural mas a uma forma performativa de memória como comunicação. (Idem, p. 99)

Nesse sentido, a Web não institui-se nem ao menos num *lieux de mémoire*, posto que na configuração rizomática do ciberespaço não há mais lugar para arquivos permanentes – vide a computação em nuvem – mas somente um armazenamento temporário cuja reprodução é imediata. Tal memória dinâmica é a lógica mesma do *live streaming*:

com arquivos digitais, a princípio, não há mais atraso entre a memória e o presente mas, ao invés, a opção técnica de *feedback* imediato, tornando todos os dados do presente em entradas de arquivo e vice versa. A economia do tempo torna-se um pequeno circuito. Mídia *streaming* e armazenamento tornam-se crescentemente entrelaçados [...] Com a supremacia da seleção sobre o armazenamento, do endereçamento sobre a classificação, não há mais memória no sentido enfático; a terminologia arquivica – ou mesmo o próprio arquivo – torna-se literalmente metafórico, uma função do processo de *transferência* (ibidem, p. 98).

Portanto, tais anarquivos são senão memórias fluidas de acesso aleatório. E nesse sentido, “os velhos oponentes “passado” e “presente”, “arquivo” e “evento imediato” tornam-se submersos na mudança no tempo, que é a essência temporal das operações eletrônicas da mídia digital” (ibidem, p. 99). Sendo a própria mídia de fluxo expressão dessa memória passageira, em cache, que existe apenas no momento da transmissão.

Em suma, a cultura de memória que permeia o Ocidente é pautada no arquivo, no documento e no armazenamento, ou seja, toda uma longa hierarquia que entra em conflito direto com os pressupostos da memória arquivica desmonumentalizada do ciberespaço. Por que, então, não ampliar o conceito de arquivo para pensá-lo também em termos de não-armazenamento e constante atualização? O desejo em voga aqui é por “uma cultura de mídia que lida com a multimídia do anarquivo virtual numa maneira além do desejo conservador de reduzi-lo à sua ordem classificatória novamente” (ibidem, p. 140).

## 5. Considerações finais

Tendo agora a capacidade de narrar a história, por conta mesmo da ampliação dos canais comunicativos, resta universalizar essa possibilidade. Pois essa narrativa pertence a todos e, como consequência, ela “traz a autonomia para o modelo da mídia *online*, porque faz da vida e da história as condutoras do tempo real, ao ‘não paralisar o tempo, mas apropriar-se dele e reterritorializá-lo com a narrativa coordenadora da ação coletiva’” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 188).

E nesse sentido, como vimos, até mesmo a função mnemônica do arquivo como porta da experiência histórica perde seu espaço. A pós-história feita via *livestreaming* deixa de ser apenas uma questão do passado e começa a lidar com o seu presente, com a sua promessa, a “responsabilidade para o amanhã” (DERRIDA, 2001, p. 50).

## REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. *The rebirth of history*. London: Verso, 2012.
- BENTES, Ivana. “Nós somos a rede social”. In: MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- BOLTER, Jay D.; GRUSIN, Richard. *Remediation*. Massachusetts: MIT Press, 2000.
- BRUNO Torturra: *Got a smartphone? Start broadcasting*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=2r\\_qTWYOIog#t=738](https://www.youtube.com/watch?v=2r_qTWYOIog#t=738)>. Acesso em: 25 dez. 2014.
- CASTELLS, Manuel. *Networks of outrage and hope*. Cambridge: Polity Press, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Communication Power*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CASTELLS, Manuel; et al. *Mobile Communication and Society: a global perspective*. Cambridge: MIT Press, 2007.
- DI FELICE, Massimo. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Matrizes*, São Paulo: ECA/USP, ano 7, n. 2, p. 49-71, jul./dez. 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ERNST, Wolfgang. *Digital memory and the archive*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

FLUSSER, Vilém. *Los gestos: fenomenología y comunicación*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man*. Massachusetts: MIT Press, 1994.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, O Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. *The year of dreaming dangerously*. London: Verso, 2012.